

Status da consoante pós-vocálica no português brasileiro: coda ou *onset* com núcleo não preenchido foneticamente?

Dermeval da Hora

Juliane Lopes Ribeiro Pedrosa

UFPB (João Pessoa, Brasil)

Walcir Cardoso

Concordia University (Canadá)



RESUMO – O Português Brasileiro (PB), quando se trata do preenchimento da coda, só licencia as consoantes líquidas /l, r/, a nasal /N/, a fricativa coronal /s/ e, para alguns, os glides. Pelo fato de a coda ser a posição mais débil da estrutura silábica (Selkirk, 1982), a variação que permeia os segmentos que a preenchem, seja na posição interna ou final, é muito comum no PB, conforme comprovado pelos diversos estudos sociolinguísticos até então realizados (QUEDNAU, 1993; TASCA, 1999; HORA, 2003, 2006; VOTRE, 1978; CALLOU, LEITE, MORAES, 1994; BRESCANCINI, 1996; RIBEIRO, 2006). Tomando como base o dialeto paraibano, os resultados analisados levam-nos a constatar que existe comportamento diferenciado das consoantes pós-vocálicas nas posições interna e final. Para respaldar a discussão, utilizaremos as propostas de Harris e Gussmann (1998) e Ewen e Hulst (2001). A análise da consoante, em posição final de sílaba leva-nos a duas possibilidades: uma seria considerá-la como coda que tende a apagar, priorizando sílabas CV; a outra, seria entendê-la como *onset* com núcleo não preenchido foneticamente.

Palavras-chave: Consoante pós-vocálica; Coda; *Onset*; Fricativa; Líquida

ABSTRACT – In Brazilian Portuguese (BP), the only consonants that can be licensed as codas are the liquids /l, r/, the nasal /N/, the fricative /s/ and, for some, the glides. Because the coda occupies the weakest position in the syllable structure (SELKIRK, 1982), it is common for this constituent to undergo a high degree of sociolinguistic variation, both word-internally and word-finally (e.g., QUEDNAU, 1993; TASCA, 1999; HORA, 2003, 2006; VOTRE, 1978; CALLOU, LEITE, MORAES, 1994; BRESCANCINI, 1996; RIBEIRO, 2006). Our goal in this study is to compare the behavior of the coronal liquids and fricatives in coda position, as spoken in the *paraibano* dialect (HORA, 2003; RIBEIRO, 2006). The results observed confirm the existence of a differential behavior between post-vocalic consonants in word-internal and word-final positions. Our analysis is grounded on the proposals by Harris and Gussmann (1998) and Ewen and Hulst (2001). An investigation of the behavior of word-final consonants in the *paraibano* dialect leads us to two possible analyses: one in which codas are subject to deletion to obey a CV syllable preference, and one in which word-final consonants are treated as onsets of phonetically unfilled nuclei.

Keywords: Post-vocalic consonant; Coda; Onset; Fricative; Liquid

Introdução

A partir dos anos 70, as teorias fonológicas tomaram novos rumos, o que contribuiu para que o foco de observação também mudasse. O segmento, antes considerado como principal elemento de análise, passa a ocupar um papel secundário, e a sílaba, que ganha status fonológico a partir dos trabalhos de Kahn (1976) e Hooper (1976), passa a ser vista como domínio de processos fonológicos.

Através das concepções da fonologia Prosódica, a Teoria da Sílaba ganha grande impulso, reforçando a idéia de que a língua se organiza através de domínios prosódicos aos quais alguns fenômenos linguísticos são sensíveis. Dentre esses domínios prosódicos, encontramos a sílaba, considerada pela maior parte dos teóricos (SELKIRK, 1978; NESPOR, VOGEL, 1986; HAYES, 1989) como a menor categoria prosódica. Apesar de Nespor e Vogel (1986) não enfatizarem a estrutura interna da sílaba, muitos trabalhos

o fizeram (KAHN, 1976; HOOPER, 1976; SELKIRK, 1982).

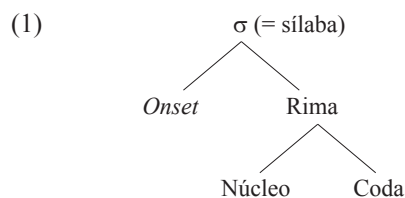
Sabemos que o PB, quando se trata do preenchimento da coda, só licencia as consoantes líquidas /l, r/, a nasal /N/, a fricativa coronal /s/ e, para alguns, os glides. Pelo fato de a coda ser a posição mais débil da estrutura silábica (SELKIRK, 1982), a variação que permeia os segmentos que a preenchem, seja na posição interna ou final, é muito comum no PB, conforme comprovado pelos diversos estudos sociolinguísticos até então realizados (QUEDNAU, 1993; TASCA, 1999; HORA, 2003, 2006; VOTRE, 1978; CALLOU, LEITE, MORAES, 1994; BRESCANCINI, 1996; RIBEIRO, 2006). Considerando que a nasal não se realiza na forma consonantal, mas através do traço de nasalidade atribuído à vogal precedente, nosso objetivo aqui é comparar o comportamento das líquidas e fricativas coronais na posição de coda, tomando como base o dialeto paraibano (HORA, 2003; RIBEIRO, 2006). Para respaldar a discussão, utilizaremos as propostas de Harris e Gussmann (1998) e Ewen e Hulst (2001), os quais defendem que as sílabas internas e finais possuem características diferenciadas. A análise da consoante em posição final de sílaba leva-nos a duas possibilidades: uma seria considerá-la como coda, que tende a apagar e priorizar sílabas CV; a outra, seria entendê-la como *onset* com núcleo não preenchido foneticamente.

Este trabalho está assim organizado: na seção 1, trataremos da estrutura interna da sílaba, levando em consideração, principalmente, os estudos de Selkirk (1982); também discutiremos as tipologias das línguas através dos padrões silábicos, pautando-nos basicamente na proposta de Harris e Gussmann (1998); na seção 2, reportaremos aos padrões silábicos defendidos para o PB, utilizando-nos dos trabalhos de Câmara Jr. (2001), Bisol (1999, 2005) e Hora (2006). Em consonância com esses estudos, discutiremos a posição de coda, já que é essa a análise proposta na literatura, mencionada anteriormente, para o /s/ pós-vocálico no PB; na seção 3, analisaremos as consoantes pós-vocálicas em posição interna e em final de palavra, observando seu comportamento nos diferentes domínios prosódicos: sílaba (σ) ou palavra fonológica (ω), utilizando, para tanto, os trabalhos de Hora (2003, 2006), Hora e Monaretto (2003) e Ribeiro (2006); na seção 4, defenderemos a ideia de que a fricativa coronal /s/ pós-vocálica apresenta comportamento diferenciado das demais codas /-l/ e /-r/ e, por isso, deve passar por uma releitura. Para tanto, buscaremos apoio teórico em Harris e Gussmann (1998), Ewen e Hulst (2001), Cardoso (2008) e Kaye (1992).

1 Descrevendo a estrutura silábica

Selkirk (1982) defende que a sílaba possui uma organização com níveis hierárquicos diferentes entre

os seus componentes. Para ela, a estrutura da sílaba é organizada em dois níveis. No primeiro, são encontrados o *onset* e a rima; e, no segundo, a rima está subdividida em núcleo e coda, como podemos visualizar em (1):



Do ponto de vista fonético, cada sílaba tem um pico de sonoridade, isto é, um segmento que é mais proeminente do que os segmentos vizinhos, e, por isso, é o responsável pelo elemento silábico. Segundo Clements (1990), a posição que os constituintes ocupam na sílaba, e a relação com seu aspecto sonoro ou audível, foi observada por Jespersen (1904) quando propôs uma escala de sonoridade¹. Por essa proposta, as posições de *onset* e coda são consideradas mais débeis em termos de sonoridade, não necessitando, por isso, de estarem sempre preenchidas, ao contrário do núcleo que, considerado o centro da sílaba, apresenta-se, na maioria das vezes, preenchido. Devido às vogais serem inerentemente mais sonoras do que as consoantes, em muitas línguas, só elas ocupam o núcleo da sílaba, como é o caso do português.

O *onset*, domínio que enfocamos em nosso trabalho, é a posição inicial da sílaba e, por isso, a menos sonora, ou seja, ocupada, preferencialmente, pelas consoantes hierarquicamente mais baixas em relação à escala de sonoridade. A coda, por sua vez, é a posição de travamento silábico, sendo, na maioria das vezes, ocupada por consoantes mais sonoras e, para alguns (SELKIRK, 1982; ITÔ, 1986; BISOL, 1999; CAMARA JR., 2002), pelo glide. Sendo assim, em termos de sonoridade, a representação silábica pode ser expressa como em (2):



A partir do reconhecimento dessa estrutura silábica e do fato de ela ser percebida como base para os processos fonológicos e seu estudo, o molde silábico passa a ser tomado como parâmetro de diferenciação entre as línguas, provendo a tipologia linguística.

¹ A escala de sonoridade proposta por Jespersen (1904, apud. HOOPER, 1976) estabelece a seguinte hierarquia para os segmentos em uma escala de [-soante] a [+soante]: consoantes oclusivas e fricativas surdas < oclusivas sonoras < fricativas sonoras < nasais e laterais < trills e tape < vogais fechadas < vogais médias < vogais abertas. Em resumo, a escala de sonoridade tem a seguinte configuração: obstruintes < líquidas e nasais < vogais.

Então, para a descrição fonológica das línguas, os segmentos passam a ser observados não só em relação à sua configuração fonético-fonológica, mas também passam a ser analisados de acordo com sua posição silábica. E, por isso, é bastante usual dizer que há dois tipos principais de línguas: aquelas que permitem apenas sílabas abertas (CV) e aquelas que permitem sílabas abertas e sílabas fechadas (CVC).

Harris e Gussmann (1998), contudo, propõem algo diferenciado. Para eles, é uma concepção muito simplista classificar as línguas apenas a partir de dois padrões: CV e CVC. A justificativa está no fato de existirem línguas em que a consoante que fecha a sílaba apresenta comportamento diferenciado a depender da posição na palavra, se interna ou final, o que leva a um sistema quadriforme:

Nós concluímos nossa comparação das análises da coda e do *onset* das consoantes em final de palavras voltando à questão tipológica que começamos em 2.1. Lá, notamos como a classificação tradicional de línguas dos tipos 'CV' e 'CVC' é refutada pela distinção quadriforme que surge das escolhas separadas que as gramáticas evidentemente fazem com relação às sílabas internas fechadas e às consoantes finais. (HARRIS, GUSSMANN, 1998, p. 30)

Para os autores (1998), o reconhecimento de o domínio interno (sílabas com rimas ramificadas) e o domínio final (sílabas fracas) serem independentes permite capturar a tipologia VC de forma paramétrica simples:

Um parâmetro controla se ou não uma gramática permite ramificar rimas: OFF evita sílabas fechadas. O outro controla se ou não um núcleo de domínio final é permitido permanecer vazio: se ele é OFF, então toda palavra na língua deve terminar em uma vogal; se é ON, a língua permite consoantes finais.

Em termos gerais, as línguas seguiriam os seguintes parâmetros (adaptado de HARRIS e GUSSMANN, 1998, p. 30):

1. OFF.OFF → aquelas que não permitem coda: V. CV
– Ex.: Zulu;
2. OFF.ON → aquelas que não permitem coda interna: V. CV(C)
– Ex.: Luo;
3. ON.OFF → aquelas que não permitem coda final: V(C).CV
– Ex.: Italiano;
4. ON.ON → aquelas que permitem codas: V(C).CV(C)
– Ex.: Inglês.

Esta proposta é ratificada nos trabalhos variacionistas e de aquisição da linguagem que tratam da coda silábica, não só em relação ao fato de ela ser preenchida ou não, mas também pela distinção dos segmentos que preenchem essa posição. Outro fato interessante é observarmos que até mesmo uma única língua pode apresentar codas com comportamentos diferenciados, dependendo de

sua posição na palavra, se interna ou final. E, ainda, a possibilidade de apresentar a inserção de uma vogal, transformando a coda em *onset*.

Para melhor discutirmos as idéias levantadas nesta seção, trataremos, a seguir, da estrutura silábica do PB, destacando os segmentos que formam seus padrões silábicos.

2 Padrões silábicos do PB: coda

É consenso na literatura que a posição de coda no PB é ocupada apenas pelas consoantes líquidas /r/ e /l/, pela nasal /N/, que se realiza através do traço de nasalidade na vogal precedente, pela fricativa coronal /s/ e pelas semivogais que substituem as vogais altas formando o ditongo verdadeiro, como ilustramos em (3).

- (3) le.gal – mal.da.de;
fó.rum – can.to;
la.zer – par.te;
lá.pis – cas.ca;
he.rói – a.cei.to.

Retomando a proposta de Selkirk (1982), podemos concluir que a coda é a posição mais débil da estrutura silábica, por isso torna-se bastante suscetível à variação em qualquer que seja a sua posição dentro da palavra, acentuando-se ainda mais na posição final.

Os trabalhos sociolinguísticos sobre os dialetos brasileiros têm comprovado esse comportamento variável, demonstrando a presença bastante recorrente de variantes como a semivocalização, o enfraquecimento, a palatalização e o apagamento; distribuídas de maneira não uniforme nas posições interna e final, como atestam os dados de Hora (2006; 2003), Hora e Monaretto (2003) e Ribeiro (2006), cujas variantes encontradas são expostas em (4):

- (4) /l/ → [l] : [w] : [h] : [ø];
/r/ → [r] : [h] : [w] : [j] : [ø];
/s/ → [s, z] : [ʃ, ʒ] : [h] : [ø].

Outro processo que merece destaque, apesar de não ser muito recorrente, é a inserção vocálica após uma dessas codas, que passa a ser lida como *onset* porque cria uma nova sílaba.

Dessa forma, é possível deprendermos que os padrões silábicos do PB se encaixam na estrutura (C)V(C).(C)V(C)], sendo o onset e a coda não obrigatórios. É consenso na literatura sobre a sílaba a menção à tendência universal das línguas por padrão CV, sendo confirmada pelo apagamento das consoantes em posição pós-vocálica e pela inserção de vogal após ela, a exemplo da fricativa coronal, como veremos com detalhe na seção 3.

3 Comportamento da consoante pós-vocálica medial e final

A consoante pós-vocálica do PB, sob a perspectiva variacionista, tem sido objeto de estudo de alguns pesquisadores: Quednau (1993), Tasca (1999), Espiga (2003) e Hora (2006) trataram da lateral /l/. Votre (1978), Callou, Leite, Moraes (1994), Monaretto (1992; 1997), Skeete (1996) e Hora, Monaretto (2003) discutiram o rótico; Brescancini (1996, 2002), Callou, Leite, Moraes (2002), Hora (2003) e Ribeiro (2006) analisaram a fricativa coronal /s/.

Os estudos supracitados estão voltados, cada um deles, para um tipo de consoante pós-vocálica, não existindo a preocupação de verificar as convergências e as divergências entre elas. Aqui, contudo, é nosso objetivo estabelecer essa comparação. Por esse motivo, utilizaremos como base os resultados de Hora (2003) e Ribeiro (2006), mencionados anteriormente. Também nos apoiaremos em uma análise desenvolvida em Hora (2006) sobre o /l/ pós-vocálico, e em Hora e Monaretto (2003) sobre o comportamento variável do /r/ pós-vocálico, ambos no dialeto paraibano.

De acordo com Hora (2006), das 3.703 ocorrências da lateral pós-vocálica, a realização mais frequente é a vocalização [w], com 84%, seguida pelo apagamento [ø] que possui 15,7% dos dados. As variantes aspirada e velar, por sua vez, são pouco produtivas, apresentando 0,2% e 0,1%, respectivamente, como demonstrado no Gráfico 1.

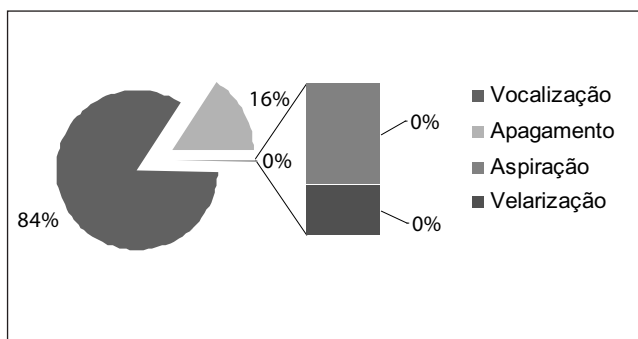


GRÁFICO 1 – Comportamento do /l/ pós-vocálico na posição interna e final

Hora (2006) menciona ainda que as variantes não se distribuem igualmente nas posições interna e final, salientando que a variante aspirada [h] só ocorre em posição interna, e a variante [ø] só ocorre em interior de palavra, caso o contexto fonológico precedente seja uma vogal posterior. O Quadro 1 ilustra a fonotática referente à variável lateral /l/ e suas respectivas variantes.

QUADRO 1 – Distribuição das variantes da lateral /l/ pós-vocálica.

Variantes	Posição	Exemplos
[w]	Interior de palavra Final de palavra	pa[w]co jorna[w]
[ø]	Interior de palavra (precedido por /u/, /o/ ou /ó/)	$\left\{ \begin{array}{l} \text{cu}[\emptyset]\text{pa} \\ \text{to}[\emptyset]\text{do} \end{array} \right.$ pó[ø]vora pape[ø], azu[ø]
	Final de palavra	
[h]	Interior de palavra	pa[h]co fa[h]ta
[ʃ]	Interior de palavra Final de palavra	pa[ʃ]co jorna[ʃ]

A partir dos dados, podemos concluir que a lateral se realiza sob a forma semivocalizada e, quando não, sob a forma de zero fonético. É importante ressaltar o papel que a posição na palavra representa para essa variável, corroborando, dessa forma, restrições e comportamento diferenciados da lateral pós-vocálica.

Semelhante observação pode ser feita em relação ao estudo de Hora, Monaretto (2003) sobre o rótico. A análise dessa variável é realizada, separadamente, em relação à sua posição na palavra, pelo fato de a distribuição de variantes e a sua frequência serem diferentes quando estão na posição interna ou final.

Na posição interna, das 4.595 ocorrências registradas pelos pesquisadores, as seguintes variantes são observadas: aspirada [h] (87%), zero fonético [ø] (10%), tepe [r] (1%), glide posterior [w] (1,4%) e glide anterior [j] (0,6%), como apresentamos no Gráfico 2.

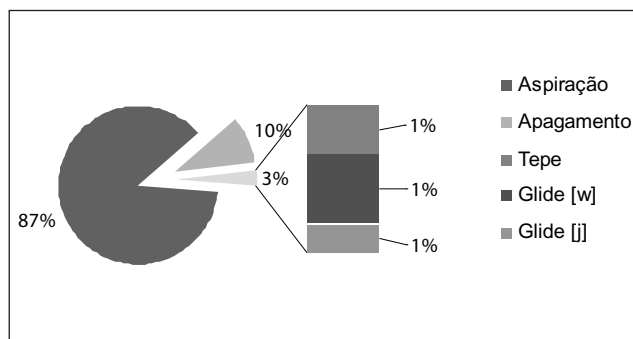


GRÁFICO 2 – Comportamento do /r/ pós-vocálico em posição interna.

Para Hora e Monaretto (2003), as variantes tepe, glide posterior e glide anterior, além de serem pouco produtivas, são condicionadas pelos contextos linguísticos que as precedem e/ou seguem. O apagamento, uma das variantes mais produtivas, depois da aspiração, é condicionado pelo contexto fonológico seguinte, quando preenchido por uma das fricativas.

A posição final se apresenta, apenas, sob as formas aspirada [h] e apagada [ø]; assim das 11.492 ocorrências, 91% foram para o apagamento e 9% para a aspiração, como ilustra o Gráfico 3.

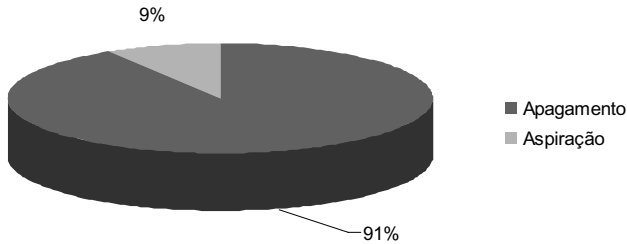


GRÁFICO 3 – Comportamento do /r/ pós-vocálico em posição final.

De acordo com os dados, podemos depreender que as posições interna e final têm comportamento inverso em relação às realizações mais frequentes, aspiração e apagamento, uma vez que, na posição interna, a aspiração tem maior porcentagem, enquanto que na posição final, o apagamento é o mais frequente. As variantes tepe [r], glide posterior [w] e glide anterior [j] estão restritas à posição interna. O Quadro 2 detalha a distribuição das variantes de acordo com a posição na palavra.

QUADRO 2 – Distribuição dos róticos pós-vocálicos

Variantes	Posição	Exemplos
[r]	Interior de palavra	pa[r]do
[h]	Interior de palavra Final de palavra	ca[h]ta ma[h]
[w]	Interior de palavra	ne[w]vosa
[j]	Interior de palavra	po[j]ca
[ø]	Interior de palavra (seguido por fricativa) Final de palavra	ce[ø]veja; ma[ø]cha; ga[ø]fo; go[ø]jeta ma[ø]

Com o conhecimento desses dados, podemos discutir as consoantes pós-vocálicas no PB, objetivo principal de nosso artigo.

4 Consoante pós-vocálica no PB: Coda ou onset com núcleo foneticamente não preenchido?

As descrições apresentadas na seção anterior levam-nos a constatar que existe, de fato, comportamento diferenciado das consoantes pós-vocálicas nas posições interna e final de palavra. Essa constatação leva-nos a resumir, no Quadro 3, o comportamento das consoantes

pós-vocálicas encontradas no PB, com base no falar paraibano.

QUADRO 3 – Representação da consoante pós-vocálica.

Posições Tipo de variável	Interna	Final
/s/	[s] [z] >> [ʃ] [ʒ] ca[s]ca >> ca[ʃ]ta	[s] >> [ø] maj[s] >> maj[ø]
/l/	[w] >> [ø] fa[w]ta >> cu[ø]pa	[w] >> [ø] fina[w] >> fina[ø]
/r/	[h] >> [ø] fo[h]ça >> fo[ø]ça	[ø] >> [h] ma[ø] >> ma[h]

Nesse Quadro, apresentamos as variantes mais produtivas em cada posição, considerando a ordem de dominância entre elas, conforme indicam os colchetes angulares duplos.

Podemos observar que, de todas as três consoantes pós-vocálicas, apenas o /l/ apresenta as mesmas variantes com a mesma ordem de dominância. As variantes de /s/ e de /r/ alteram a ordem quando passamos da posição interna para a posição final da palavra.

Acreditamos que as consoantes pós-vocálicas se comportam diferentemente quando preenchem posições diferenciadas na palavra. Para respaldar nossas discussões, buscaremos apoio em Harris e Gussmann (1998) e Ewen e Hulst (2001), segundo os quais sílabas internas e finais possuem características diferenciadas.

De acordo com o Quadro 3, percebemos que as consoantes pós-vocálicas em posição interna apresentam comportamento diferenciado, o que nos leva a separar, de um lado, a consoante fricativa; de outro, as líquidas.

A fricativa, pela sua natureza obstruente e pelo seu caráter consistente de consoante, se considerarmos a escala de força², é sempre mantida, o que não acontece com as líquidas. A variação presente na fricativa está, podemos supor, relacionada ao seu ponto de articulação. As coronais alveolares são as mais frequentes, seguidas das fricativas coronais palatais e, por fim, as fricativas glotais presentes nos itens lexicais mesmo ~ me[h]mo e desde ~ de[h]de. Tal observação leva-nos a inferir que há uma tendência à perda do ponto de articulação, o que, de certa forma, demonstra um enfraquecimento da fricativa coronal na posição pós-vocálica.

No caso da líquida, pela sua natureza maleável, e também pela sua proximidade às vogais na escala de força, há tendência ao enfraquecimento e também à

² Segundo Hooper (1976), a escala universal de força pode ser definida da seguinte forma:

Glides	Líquidas	Nasais	Contínuas Sonoras	Contínuas Surdas /Oclusivas Sonoras	Oclusivas Surdas
1	2	3	4	5	6

semivocalização, culminando, a depender do contexto fonológico precedente ou subsequente, em seu apagamento.

O apagamento da líquida vibrante é condicionado pela presença da consoante fricativa em posição subsequente, como em “garfo, curva, curso, várzea, marcha, gorjeta”.

Para a líquida lateral, é a vogal precedente, a exemplo de “culpa” e “toldo” que desencadeia o apagamento, uma vez que sua semivocalização gera ditongos constituídos de segmentos homorgânicos, que, no caso do português, são proibidos.

Assim, seja a líquida vibrante, seja a líquida lateral, é importante observar que a saliência fônica desempenha papel fundamental para o apagamento. Em ambos os casos, quanto maior a saliência entre os segmentos adjacentes, maior será a chance de sua manutenção, inversamente, quanto menor a saliência, maior a probabilidade de seu apagamento.

Ainda observando o Quadro 3, podemos destacar que, em posição final, há uma tendência de haver apagamento, independentemente da natureza fonológica da consoante, seja fricativa ou líquida, o que demonstra a debilidade dessa posição.

No caso da líquida lateral, mesmo constatando uma predominância de uso da semivogal em relação ao apagamento, entendemos que isso reforça a busca pelo não travamento silábico, uma vez que as consoantes laterais, apesar de serem propícias à posição de coda, não a preenchem na posição final de palavras. Outra justificativa estaria relacionada ao fato de que alguns estudiosos preferem analisar a semivogal dentro do núcleo, considerando aberta a estrutura silábica a que pertence; e mesmo para aqueles que a colocam ocupando a posição de coda, é possível defender que não há travamento silábico através da sonoridade. Assim, tanto a semivocalização quanto o apagamento convergiriam para o padrão CV.

A líquida vibrante, por sua vez, apresenta-se predominantemente apagada na posição final, ratificando a preferência por estruturas silábicas abertas finais.

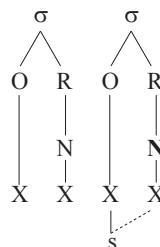
Os resultados da fricativa coronal, à primeira vista, seriam um argumento contrário à nossa hipótese de restrição à consoante em posição final, pois o uso da alveolar domina o apagamento.

Contudo, acreditamos ser esse fato que corrobora a não preferência por consoante travando a sílaba final de palavra. Isso porque teríamos duas possibilidades de análise da consoante final: uma seria considerá-la como coda que tende a apagar e priorizar sílabas CV (ilustrado em (5)), e a outra seria entendê-la como *onset* silábico de núcleo não preenchido foneticamente (6). Ambas as propostas conduziriam ao mesmo resultado: não haver consoante em final de palavra.

- (5) Consoante em final de palavra: /s/ como coda



- (6) Consoante em final de palavra: /s/ como onset de núcleo vazio



Primeiramente, somos levados a pensar com mais cuidado sobre a proposta de analisar as línguas não só por seu molde CVC ou CV, mas também pela posição que as sílabas ocupam na palavra (HARRIS, GUSSMANN, 1998; EWEN, HULST, 2001). Tomando por base o comportamento diferenciado das consoantes pós-vocálicas no interior da palavra e na posição final, poderíamos concluir que o padrão silábico do PB seria (C)V(C).(C)V], em que a alta frequência de apagamento na posição final de palavras seria um forte indício de que não são permitidas codas finais.

Um olhar mais atento, contudo, leva-nos a outro direcionamento. Se analisarmos mais uma vez o Quadro 3, percebemos que o comportamento diferenciado entre a fricativa coronal e as líquidas é o ponto chave de nossos questionamentos. De fato, como destacamos anteriormente, na posição interna, há dois blocos de consoantes a partir do comportamento diferenciado entre elas: teríamos a fricativa coronal, que se realiza com maior frequência enquanto consoante coronal alveolar ou palatal; e as consoantes líquidas, que se realizam como semivogal ou consoante enfraquecida, características para a posição de coda.

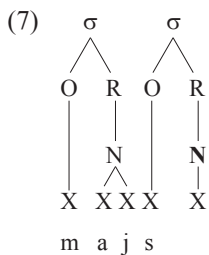
Segundo Harris e Gussmann (1998) e Ewen e Hulst (2001), a posição interna é bastante resistente a apagamentos ou inserções de segmentos, e, quando ocorrem, fazem-no com menor frequência. Já as posições inicial e a final, por serem o início e o fim de domínio prosódico, são bastante débeis, com maior probabilidade de apagamento para a posição final. Isso justificaria, portanto, a preferência por sílabas abertas finais, corroborada pela alta frequência de

apagamento de codas nessa posição, mesmo que essas codas sejam consideradas fonologicamente adequadas, como é o caso das líquidas.

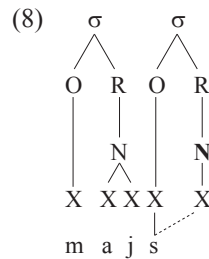
Mais uma vez, a fricativa coronal foge ao comportamento das demais consoantes que ocupam a posição de coda no PB, já que apresenta uma maior frequência da variante alveolar ao invés da variante zero. Isso reforçaria a proposta de que a sílaba pode apresentar um *onset* com núcleo foneticamente não preenchido, ou seja, teríamos um padrão CVCV e não CVC.

Segundo Hyman (1985), a sílaba pode ser constituída por unidades de peso ou moras, denominação proposta por Trubetzkoy no Círculo Linguístico de Praga. Por essa concepção, a consoante de início de sílaba (*onset*) não possui uma mora independente, o que faz com que ela não interfira no peso da sílaba. Além do mais, por essa teoria, a duração é uma propriedade independente das outras propriedades do segmento, o que leva a uma reassociação entre os segmentos, como no caso de um apagamento do segmento na sílaba.

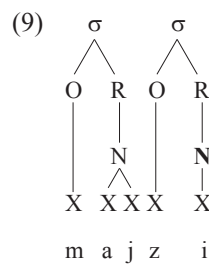
Argumentamos, contudo, que as consoantes fricativas, por serem consoantes contínuas, poderiam ter o seu tempo prolongado e, por conseguinte, poderiam formar um *onset* de uma sílaba cujo núcleo não é preenchido foneticamente. Com o prolongamento da consoante, o tempo silábico seria atendido, podendo o núcleo estar vazio, fato que pode ser observado na estrutura que apresentamos em (7):



Uma análise alternativa, e tecnicamente semelhante à nossa, seria aquela em que, nos casos de prolongamento da fricativa, a estrutura resultante seria constituída de um *onset* compartilhado por um núcleo preenchido via espriamento do traço [+estridente] da fricativa, como ilustramos em (8). Esta proposta, descrita e formalizada por Goad (2002) e mais tarde adotada em Goad e Brannen (2003) e Cardoso (2008), é baseada na hipótese de que os segmentos devem ser obrigatoriamente licenciados por um constituinte cabeça dentro do domínio da sílaba. Como o núcleo está foneticamente vazio, a única forma de vir à superfície é através de um compartilhamento com o *onset* precedente – um tipo de prolongamento compensatório que tenta aproximar-se da estrutura da sílaba CV do português e ao mesmo tempo manter uma fidelidade segmental ao input subjacente VC.



Nossa proposta da existência de um núcleo vazio é comprovada pela inserção vocálica variável após a coda, um fenômeno que ocorre em algumas realizações dessa fricativa: mai[zi] - mais, doi[zi] - dois, deu[zi] - deus, uma variante presente em nossa realidade linguística, como explícito na estrutura (9).



A nossa hipótese também é corroborada pela descrição estruturalista de Câmara Jr. (2001). Segundo esse autor, os nomes terminados por consoantes no singular, dentre eles os nomes que possuem o /s/ em 'coda' final, corresponderiam a uma forma teórica com uma vogal temática "e": *paze, *felize. Na realidade, por essa proposta, as 'codas' finais /s/ já seriam relidas como *onsets* de núcleos vazios ou núcleos teóricos, que seriam efetivamente preenchidos na formação de plural.

As análises de Kaye (1992) sobre as sequências s+C no interior de palavras e de Cardoso (2008) sobre obstruintes em final de palavras também são reforços à idéia de releitura dos segmentos em posição de coda. Para Kaye (1992), as sequências s+C no interior de palavras podem ser analisadas de duas formas. Além da proposta mais difundida de que o /s/ é coda e a consoante (C), *onset* da sílaba seguinte, o autor defende que a sequência s+C também pode ser parte de um *onset* complexo, fato comprovado pela duração da vogal precedente ao /s/. Cardoso (2008), por sua vez, argumenta que as obstruintes em final de palavra, devido ao processo de aspiração que sofrem, seriam capazes de partilhar o nó do *onset* e do núcleo, sustentando, assim, a sílaba final da palavra.

Por fim, concluímos que o PB é uma língua de padrão (C)V(C).(C)V(C)], com restrições ao tipo de consoante que pode ocupar a posição de coda, aceitando apenas as líquidas e as nasais, que são fonologicamente propícias. A restrição à coda, contudo, pode ser considerada tão expressiva que os dados de fala já demonstram uma

tendência ao padrão CV, principalmente quando a posição que a coda ocupa na palavra é bastante débil, como a final. Consequentemente, a fricativa coronal não preencherá a coda, principalmente por não obedecer às condições para essa posição no PB. De fato, será analisada como *onset* de núcleo foneticamente vazio, tanto na posição interna quanto final de palavra e que pode vir a ser preenchido, como já constatamos, em determinados casos na posição final.

Considerações finais

Com base na descrição da estrutura silábica do PB, avaliamos o comportamento das consoantes pós-vocálicas /s/, /l/ e /r/, a partir da avaliação dos dados do VALPB, a fim de analisar seu comportamento como coda ou como *onset* com núcleo foneticamente vazio.

A partir dos resultados, pudemos constatar que as consoantes pós-vocálicas se dividem em dois grupos: as líquidas /l/, /r/ e a fricativa coronal /s/, fato que se torna bastante explícito na posição medial, conduzindo-nos a analisar as líquidas como coda e a fricativa coronal como *onset* de núcleo foneticamente vazio.

Também constatamos que a posição final de palavra é extremamente débil, por isso evita segmentos consonantais. Assim, qualquer que seja o segmento que ocupe essa posição, há uma forte tendência a seu apagamento ou, ainda, à busca pelo padrão CV, a partir do preenchimento do núcleo, antes, foneticamente vazio.

Referências

- BISOL, Leda. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A.* v. 5, n. 2, 1989.
- BISOL, Leda. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Unicamp, 1999. v. VII. p. 701-742.
- BISOL, Leda. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.
- BRESCANCINI, Cláudia. *A palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português de influência açoriana do município de Florianópolis: uma abordagem não-linear*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; MORAES, João. *A variação de /s,r/ em posição final de sílaba e os dialetos brasileiros*. 1994. Mimeo.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; MORAES, João. Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In: CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CARDOSO, Walcir. The optimization of codas via Onset-Nucleus sharing: evidence from a developing Second Language System. *Language Research*, v. 44, n. 2, p. 319-344, 2008.
- CLEMENTS, G. N. The role of the sonority cycle in core syllabification. In: KINGSTON, J., BECKMAN, M. E. (Ed.). *Papers in laboratory phonology I: between the grammar and physics of speech*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 283-333.
- ESPIGA, Jorge. Alofonia de /l/ no sul do Rio Grande do Sul: aspectos fonéticos e fonológicos. In: HORA, Dermeval da; COLLISCHON, Gisela. *Teoria linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003. p. 251-290.
- EWEN, J. Colin; HULST, Harry van der. *The phonological structure of words: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- GOAD, Heather. Markedness in right-edge syllabification: Parallels across populations. *Canadian Journal of Linguistics*, v. 47, p. 151-186, 2002.
- GOAD, Heather; BRANNEN, Kathleen. Phonetic evidence for phonological structure in syllabification. In: WEIJER, J. van der; HEUVEN, V. van; HULST, H. van der. (Ed.). *The phonological spectrum*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. v. II: Suprasegmental structure. p. 3-30.
- HARRIS, John; GUSSMANN, Edmund. *Final codas: why the west was wrong?* 1998. Mimeo.
- HAYES, Bruce. Compensatory Lengthening in Moraic Phonology. *Linguistic Inquiry*, Cambridge: MIT Press, v. 20, n. 2, p. 253-306, 1989.
- HOOPEL, Joan. *An introduction to natural generative phonology*. New York: Academic Press, 1976.
- HORA, Dermeval da. Teoria da Variação: uma retrospectiva. In: HORA, Dermeval da. (Org.). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Ideia, 1997.
- HORA, Dermeval da. *Projeto variação linguística no Estado da Paraíba*. João Pessoa: Ideia, 2005. [CD].
- HORA, Dermeval da. Variação fonológica: consoantes em coda silábica. In: TRAVAGLIA, Luiz Carlos (Org.). *Encontro na linguagem: estudos linguísticos e literários*. Uberlândia: EDUFU, 2006.
- HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro (Org.). *Corpus do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB)*. João Pessoa: Ideia, 2001.
- HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro. Fricativas coronais: análise variacionista. In: RONCARATI, Cláudia, ABRAÇADO, Jussara (Org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: Viveiro de Castro, 2003.
- HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro; MONARETTO, Valéria N. O. Enfraquecimento e apagamento dos róticos. In: HORA, Dermeval da, COLLISCHONN, Gisela (Org.). *Teoria linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: EDUFUPB, 2003.
- HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro; MONARETTO, Valéria N. O. *Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba*. João Pessoa: Ideia, 2005. [CD].
- HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro; MONARETTO, Valéria N. O. Variação fonológica: consoantes em coda silábica. In: TRAVAGLIA, Luiz Carlos (Org.). *Encontro na Linguagem: estudos linguísticos e literários*. Uberlândia: EDUFU, 2006.

- HYMAN, Larry. *A theory of phonological weight*. Dordrecht: Foris, 1985.
- ITÔ, Junko. *Syllable Theory in Prosodic Phonology*. Dissertation (PhD) – University of Massachusetts, Amherst, 1986.
- JAKOBSON, R. *Child language, aphasia and phonological universals*. The Hague: Mouton, 1941.
- KAHN, Daniel. *Syllable – based generalization in English Phonology*. Tese (PhD). Cambridge, Mass.: MIT, 1976.
- KAYE, Jonathan. Do you believe in magic? The story of s+C sequences. *SOAS Working Papers in Linguistics and Phonetics* 2, 1992. p. 293-313.
- MCCAWLEY, J. *The phonological component of a grammar Japanese*. The Hague: Mouton, 1968.
- MONARETTO, Valéria de O. *A vibrante: representação e análise sociolinguística*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.
- MONARETTO, Valéria de O. Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.
- NESPOR, Marina; VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.
- PIGGOTT, G. L. The right edge of words. *The Linguistic Review* 16. 143-185, 1999.
- QUEDNAU, Laura. *A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.
- RIBEIRO, Silvia Renata. *Apagamento da sibilante final em lexemas: uma análise variacionista do falar pessoense*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba, 2006.
- SELKIRK, Elisabeth. On prosodic structure and its relation to syntactic structure. In: FRETTEHEIM, T. (Ed.). *Nordic Prosody*. Trondheim: TAPIR, 1978. p. 111-140.
- SELKIRK, Elisabeth. The syllable. In: HULST, H. van der; SMITH, Norval. *The structure of phonological representations* (Part II). Dordrecht: Foris, 1982. p. 337-383.
- SKEETE, Nadir Arruda. O uso variável da vibrante na cidade de João Pessoa. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1996.
- TASCA, Maria. *A lateral em coda silábica no sul do Brasil*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- VOTRE, Sebastião Josué. *Varição fonológica no Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1978.

Recebido: 01.03.2010

Aprovado: 08.03.2010

Contato: <ho_ra@hotmail.com>; <julienepedrosa@yahoo.com>;
<walcir@education.concordia.c2>